CÍRCULO_PRAXIS

Antes das portas automáticas do Hospital Santa Terezinha se abrirem, Ricardo lembrou de sorrir. Naqueles dias difíceis, esperança e pensamento positivo eram os esteios que permitiam ficar de pé.

Adentrou ao hospital e de imediato o odor fétido do ambiente lhe invadiu as narinas. Mesmo com um princípio de mal estar, Ricardo fez questão de manter o seu sorriso.

A bem dizer não se lembrava da última vez que havia sorrido. Por isso, decidiu mantê-lo a todo custo.

Mas ele mesmo percebia o disparate da cena: Um jovem rapaz de 22 anos com porte atlético, sorrindo com flores na mão, do mesmo modo que um apaixonado vai visitar sua amada passando entre doentes e moribundos jogados em macas através dos corredores imundos daquele hospital público.

Ricardo foi visitar a mulher mais importante de sua vida: sua mãezinha.

O rapaz tinha se dado conta daquilo à pouco tempo. Em verdade, a partir do momento em que a mãe caiu de cama em função de uma fraqueza súbita, seguida de tontura, enjoo e a inevitável perda de apetite.

Ricardo possuía em sua memória mais tenra a imagem daquela mulher forte e ativa, volta e meia bronqueando com ele por suas estripulias, suas traquinagens e seu mau desempenho escolar.

Dona de uma voz enérgica, quando necessário estridente, que lhe chamou muitas vezes à razão, às responsabilidades, que lhe casou temores e calafrios. Mas sem dúvida a voz de comando responsável por lhe tornar homem.

A partir do momento que sua mãe adoeceu, aquela voz sumiu. Foi substituída por uma voz fraca, baixa, um cochicho quase que inaudível. A medida que a voz da mãe desaparecia, Ricardo se deu conta de quanto importante aquela mulher fora em sua vida.

Faziam 6 dias que a mãe havia sido transferida para o leito público do Hospital Santa Terrezinha. Em verdade, os três filhos levaram a mãe para tomar soro intravenoso, já que a enferma não conseguia mais deglutir nenhum alimento.

A equipe médica de plantão não permitiu que deixasse o hospital. Após a espera de 12 horas em uma maca no corredor, conseguiu-se um leito.

Ricardo tinha duas irmãs mais velhas. Uma solteira e outra disquitada. Ambas moravam juntas.

Ricardo morava com a mãe.

Desde que a mãe dera entrada no hospital, Ricardo ficara sozinho em casa. Mas o que certa vez tinha sido um sonho, a tão almejada liberdade, assumira de imediato os contornos de angústia.

A angústia terrificante de nunca mais ver a mãe.

Ricardo que nunca fora dado a rezas e promessas, orava todas as noites. A insônia era uma constante. E quando dormia sonhava que a mãe partia para uma viajem.

Uma viajem sem volta.

Por vezes, na calada da noite Ricardo chegara a chorar.

Mas naquele dia, sem um motivo especial, Ricardo decidiu que seria diferente. Sem recursos, o seu sorriso seria o melhor

presente a ofertar para a mãe, além do singelo buque de fores amarelas que carregava em uma das mãos.

De supetão, como era o seu estilo, Ricardo abriu a porta do quarto com um sorriso de boca aberta. Mas a cena que contemplou foi suficiente para murchar aquele sorriso, a medida que amassava inconscientemente às flores com sua mão.

O estado de sua mãe havia piorado muito. Sua coloração amarelada, meio esverdeada denotava isso. Possuía os lóbulos oculares fundos, pesados. Mas o que mais chamava a atenção era a perda de peso abrupta.

Cada uma de suas irmãs estava em um dos lados da cabeceira.

A mãe inclinou a cabeça e o reconheceu.

- Filho... - Balbuciou.

Ricardo não sabia como agir diante daquele quadro. Certamente não queria verter lágrimas. Não na frente da mãe e das irmãs.

Mas o momento exigia contensão.

Após contemplar a mãe, Ricardo procurou refugo nos olhos das irmãs. Ambas tinham olhar desolador.

Ricardo engoliu em seco. Pressentiu o pior.

Coube a própria mãe atenuar o clima tenebroso que havia se instaurado.

Tomou a mão de cada uma das filhas e as sacudiu:

- Minha família reunida. Estou tão feliz....

O esforço sobre-humano da mãe em proferir aquelas palavras fez os três filhos sorrirem.

Uma das irmãs, Solange, a mais velha, instintivamente se virou para enxugar as lágrimas.

Joyce permaneceu de mão dada com a mãe. E com um sorriso provocativo disse:

- Veja quem chegou mamãe. Seu preferido.

Em tempos pretéritos, a mera menção daquela frase fora o estopim de brigas intermináveis com base em acusações de que Ricardo era o filho mais querido, mimado e protegido, em função de ser o único homem da casa, já que o marido e pai dos três filhos havia os preterido por uma outra família.

Mas tudo aquilo tinha ficado para traz. Ricardo apenas sorriu e foi até a mãe para lhe beijar a testa.

A mãe quis lhe dizer alguma coisa, mas não conseguiu. Faltou-lhe forças.

Ricardo apenas sorriu. Momentos depois captou a pergunta na mãe no ar e respondeu:

- Sim mãe, eu estou me cuidando. Não se preocupe.

Foi a vez de Ricardo virar instintivamente e conter o choro. A mão de Joyce em seus ombros largos o acalentou.

Contido, Ricardo voltou a olhar para a mãe.

A mãe queria passar algum ânimo para os filhos mas lhe faltava forças.

Um toque na porta e adentrou a enfermeira trazendo em uma das mãos um copo contendo dois comprimidos e na outra um copo com água.

Coube à Solange a iniciativa de administrar a situação.

- Vamos mamãe, a senhora tem que ser forte agora. Vamos fazer aquela força para tomar o remedinho.

Joyce amparou a cabeça da mãe, enquanto Solange punha delicadamente um comprimido por vez na boca da progenitora.

A mãe com algum custo engoliu os dois comprimidos. Ao mesmo tempo, a enfermeira advertiu:

- Agora ela deve dormir.

Os três filhos se despediram da mãe, cada um com um suave beijo e se dirigiram combalidos para fora do quarto.

Do lado de fora, Ricardo visivelmente desorientado, afogado ainda mais em sua angústia, instintivamente tomou o caminho da porta.

O chamado de Solange o fez voltar.

- Precisamos conversar.

Ricardo ao se virar percebeu que o semblante das irmãs não eram mais o mesmo. A apatia e tristeza haviam sido substituídas por um semblante de preocupação, mas estranhamente ambas aparentavam um quê de esperança.

Sem dizer nada, Solange tomou a dianteira e insinuou com a cabeça que Ricardo a seguisse. Joyce os acompanhou. Ricardo perguntou mais de uma vez sobre do que se tratava, sendo sistematicamente ignorado pelas irmãs que seguiam por entre os corredores.

Solange saiu do Hospital pela parte dos fundos e fez Ricardo a seguir até o estacionamento onde havia deixado o seu carro. Destravou o carro e pediu para o irmão se sentar no banco da frente, enquanto Joyce ocupava o banco de traz.

Com os irmãos dentro do veículo, Solange se sentou na direção. Virou-se para Ricardo e diz que a mãe foi diagnosticada com um tumor maligno no fígado e que precisa de um transplante urgente. Informou ainda que o nome da mãe foi colocado na lista de receptores de órgãos da Rede Pública de saúde e que existem pelo menos 200 pessoas na frente dela.

Nesse instante, Ricardo levou às mãos à cabeça em desespero.

Coube a Joyce mais uma vez afagá-lo, para então dizer:

- Escuta o que a mana vai falar.

Solange prosseguiu:

- Antes de você chegar, um homem vestindo jaleco de enfermeiro nos abordou no corredor e passou esse cartão.

Solange entregou o cartão para o irmão. Ricardo ao examiná-lo percebeu que o cartão de fundo todo branco só continha um número de telefone.

- Pelo prefixo deve ser celular. – Comentou Ricardo. – Que mais ele disse?

Coube à Joyce a responder, um tanto reticente:

- Ele disse que há um modo de furar a fila do transplante.

Instintivamente, Ricardo sacou o seu celular e começou a teclar o número do cartão.

Solange quis contê-lo pedindo prudência e calma. Ricardo com um gesto brusco se desvencilhou das mãos da irmã, alegando que a vida da mãe estava em jogo.

No terceiro toque, a chamada foi atendida mas ninguém disse nada. Pelo som da respiração Ricardo sabia que havia alguém do outro lado.

Sem saber como agir, Ricardo tomou a iniciativa.

- Entregaram um cartão com o seu número no Hospital Santa Terezinha.

A voz rouca de um homem respondeu:

- Preciso do número do prontuário do paciente.

Ricardo se antecipou:

- O nome da paciente é ...

Foi prontamente interrompido.

- Não me adianta nada o nome. Preciso do número do prontuário.

Ricardo passou a pergunta para as irmãs. Joyce sacou um envelope da bolsa que continha a informação.

Ricardo ditou calmamente algarismo por algarismo.

- Aguarde na linha. – Foi a resposta seca.

Uma mescla de angústia e esperança tomou conta dos irmãos.

Cerca de um minuto e meio depois, o homem se pôs a falar.

- A paciente está na posição 212 na lista de espera de receptores da Rede Pública. O estado dela é crítico. Conseguimos colocá-la em uma das três primeiras posições por 65 mil reais. Valor inegociável.

Ricardo engoliu em seco. Sua primeira reação foi a seguinte:

- Há como parcelar esse valor?

A resposta foi modular:

- Não. Pagamento adiantado. Ligue-me quando tiver o dinheiro.

Ricardo pretendia fazer demais perguntas sobre a transação, quando a outra parte desligou.

Ao comunicar o teor da conversa e sobretudo o valor exigido, o desespero mais uma vez tomou conta do grupo.

- De algum modo temos que conseguir esse dinheiro! - Exclamou Joyce.

- Eu estou indo vender esse carro. – Disse Solange. – Mas temo que ele só alcance 15 mil reais, dada a quilometragem.

- Eu posso tentar um empréstimo na firma que eu trabalho. Mas o máximo que eu possa conseguir seja 5 mil reais, não mais que isso.

Ricardo permanecera introspectivo, enquanto as irmãs tagarelavam em contas. Como um raio fulminante, uma idéia lhe varreu a mente. Instintivamente saltou do carro e se pôs a andar.

Solange berrou com ele:

- Onde você vai? Está tirando o corpo fora?

Ricardo se virou e da mesma forma se pôs a gritar com a irmã:

- Vou conseguir o restante do dinheiro. – E continuou em sua caminhada.

A irmã atônita indagou:

- Como? Ricardo, volta aqui...

Ricardo a ignorou por completo e apertou o passo. Em pouco tempo tomou a rua e saiu do alcance da visão das irmãs.

---

24 horas depois.

Ricardo tinha a passada firme e o olhar compenetrado. Adentrou à lanchonete que usualmente freqüentava e se serviu de uma mesa de canto. Instintivamente olhou para o relógio.

Estava mais de dez minutos adiantado.

Naquele instante, permitiu-se relaxar, muito embora a ansiedade pelo compromisso marcado ainda se apoderasse dele.

Respirou fundo e vagueou os olhos por um instante. Foi quando se deu conta que a garçonete Beatriz o olhava enquanto limpava uma outra mesa recém desocupada.

Já haviam trocado olhares mais de uma vez. Mas foi dessa vez que coube a Ricardo desviar o olhar. Não era o momento, nem tinha o espírito para isso.

Logo que conhecera Beatriz, Ricardo ficara fascinado com sua graça e beleza. Tentara algumas investidas, sempre rechaçadas pela moça.

Mas a mera visão de Beatriz fazia bem a Ricardo. Era um sentimento que não se podia chamar de amor, paixão ou mera atração. Era como contemplar o céu se abrindo, um sol radiante que toma o horizonte ou ainda uma linda noite de luar.

Por isso, resolveu colocar as preocupações de lado e buscar a jovem mais uma vez com o olhos. Contudo, não a achou.

Foi surpreendido com a voz da moça que se pôs atrás dele.

- Você está diferente hoje, aconteceu alguma coisa? Vai querer o de sempre?

Ricardo a contemplou. Reparou que ela tinha mudado o penteado, talvez tivesse aparado o cabelo.

Neste instante reparou que eram os olhos da jovem que o fascinava.

Ricardo pediu apenas um refrigerante e respondeu vagamente que sua mãe estava doente, sem dar detalhes.

Beatriz anotou o pedido e ao deixar a mesa desejou melhoras para a mãe do rapaz.

Ricardo sentiu alguém chegar por traz. Na certeza que fosse Beatriz, comentou:

- Que presteza!

Ao se virar se deparou com um homem usando jaqueta de couro e de óculos escuros. Tinha a barba grisalha e o cabelo raspado. Era cerca de 20 anos mais velho.

Trazia uma mochila nas costas.

- Ricardo é você? -